



# Um novo destino para as roupas que já não usa

Criação de emprego, apoio social e o contributo para um mundo mais verde. Serão poucas as empresas cujo compromisso ético abrange todas estas direções de forma simultânea. É o que a Ultriplo tem procurado fazer, desde há mais de uma década, tendo hoje uma rede de contentores de recolha distribuída um pouco por todo o território nacional.

Jansienes Karst e o filho, Roel Karst, são os responsáveis por este projeto. Provenientes da Holanda, encontraram em Portugal o cenário ideal para darem continuidade ao que já faziam no seu país de origem e na vizinha Bélgica. Foi em 2001 que deram início a uma primeira experiência no nosso país, onde até então este conceito não estava explorado. Esse passo inicial



confirmou a viabilidade da ideia e motivou a criação da Ultriplo.

A primeira parceria relevante foi celebrada com a Cruz Vermelha e, a partir daí, as relações



multiplicaram-se até chegarem às cerca de 800 que a empresa mantém atualmente. Hoje, a sua atuação cobre a generalidade do país, desde Monção até Faro, e detém instalações em Braga (onde está sediada), Seia, Benavente e Albufeira. A sua equipa é composta por 60 elementos, além de criar um total de 200 postos de trabalho, quando contabilizados os profissionais que colaboram indiretamente com a Ultriplo.

Toda esta estrutura suporta uma atividade que, neste momento, regista uma recolha anual de sete mil toneladas de vestuário. As referidas parcerias (em grande parte, com autarquias e instituições de solidariedade social) têm levado a que, neste momento, os seus contentores se encontrem dentro de um fácil acesso para grande parte dos cidadãos portugueses. Podem, assim, dispensar aqui as peças de vestuário que já não utilizem, as quais são, posteriormente, transportadas pelas equipas da Ultriplo para as suas instalações, onde é feita uma triagem mediante a qual se decidirá o encaminhamento indicado. Uma percentagem maioritária está apta a ser reutilizada, podendo satisfazer os pedidos que lhes são dirigidos por instituições sociais ou seguindo para a respetiva comercialização, de forma a cobrir os custos de funcionamento da Ultriplo; uma outra é destinada à reciclagem e apenas uma fatia minoritária fica em aterro, por ausência de condições que justifiquem o seu aproveitamento para os fins anteriores.

Com este processo, a Ultriplo consegue aliar o seu modelo de funcionamento, enquanto empresa que não deixa de ter a sua vertente comercial, aos três propósitos já enumerados. No sentido económico, cria uma quantidade relevante de postos de trabalho, em alternativa a um trabalho que seria desempenhado por instituições e, conseqüentemente, por voluntários. No âmbito social, proporciona um canal mais eficiente de distribuição de

dizem-nos que a sua "grande esperança é que, dentro de cinco anos, a reciclagem de vestuário se torne tão comum como aquilo que acontece com o plástico, o papel ou o cartão". Paralelamente, consideram importante que haja "uma expansão no que diz respeito à cooperação com as autarquias e que estas vejam os benefícios de contar com esta solução nas suas localidades".

roupa junto daqueles que manifestem carências neste sentido. Ainda muito recentemente, a sua vocação humanitária ficou patente na entrega de mais de 5000 peças a moçambicanos, na sequência do ciclone Idai. Quanto ao aspeto ecológico, este procedimento reduz o desperdício e promove a reutilização e reciclagem destes bens, numa altura em que se fala cada vez mais do impacto ambiental do vestuário.

Até aqui, o balanço é positivo e Portugal ter-se-á revelado uma aposta ganha. Os dirigentes da Ultriplo notam que o país apresenta uma grande vantagem comparativamente com o norte da Europa, pela forma como conseguiu sensibilizar as novas gerações para que a reciclagem se tornasse algo de natural no seu dia-a-dia. Perspetivando o futuro, os dirigentes da Ultriplo



**ultriplo**  
reutilização têxtil  
www.ultriplo.com